

Recebido em 20 de Dezembro de 1962

## Prof. Carlos Eugénio de Mello Geraldès

Imagens da sua vida – Evocação da sua obra

pele

PROF. JOSÉ CUNHA DA SILVEIRA  
da Cadeira de Tecnologia Agrícola Tropical

*Nul ne rencontre deux fois l'idéal.  
Combien peu le rencontrent même  
une fois!*

O. WILDE

Quando, ao longo da existência, as pessoas se distinguem pelas suas qualidades e afeições deixam sempre uma recordação emotiva e duradoira. Foi, por isso, com verdadeiro e íntimo pesar, que em Janeiro do ano findo recebi a triste notícia da morte do Prof. Mello Geraldès. Era o final de uma penosa e arrastada enfermidade, há muito infelizmente esperado mas nem por esse motivo menos sentido.

Discípulo primeiro e mais tarde, durante bastantes anos, colaborador de Mello Geraldès, quero aproveitar o primeiro aniversário do seu falecimento para dedicar ao admirado Mestre e querido Amigo algumas palavras de saudade, de gratidão e de homenagem, que sirvam ao mesmo tempo para lembrar aos novos o papel que lhe coube, como precursor, na história do ressurgimento do Ultramar Português, que ele tanto amava e em prol do qual trabalhou sempre com inigualável dedicação, acerto e boa vontade.

Como vai distante o seu tempo! Como mudam os tempos: ou melhor, como é hoje diferente o nosso País do que então era!

Quando vejo agora inscritas nos Planos de Fomento do Ultramar verbas avultadas, verbas generosas, com destino ao conhecimento científico dos territórios; ao aproveitamento dos seus recursos agrícolas, florestais e pecuários; às obras de rega; ao povoamento; aos aproveitamentos hidroeléctricos e hidroagrícolas; aos caminhos de ferro, portos e estradas; aos investimentos de carácter social; aos serviços de instrução e de saúde, recorro o Prof. Mello Geraldês. E lembro-me dele porque tudo isto é a materialização de uma empresa grandiosa que não podia ser mais grata à sua inteligência e ao seu coração de português e de patriota. E penso também em Salazar, estadista ímpar, obreiro da restauração de Portugal de aquém e de além-mar, e ainda naquele verso lapidar de Fernando Pessoa, que dir-se-ia por ele inspirado:

*«Deus quer, o homem sonha, a obra nasce»*

Conheci, em 1922, o Prof. Carlos Eugénio de Mello Geraldês ao frequentar as disciplinas de Tecnologia Agrícola e Florestal Colonial e de Química e Tecnologia Açucareira e dos Óleos Coloniais, como nessa época se intitulavam. E comecei a admirá-lo ouvindo as suas lições modelarmente organizadas, minuciosas, plenas de conceitos científicos e de conhecimentos úteis.

Conhecedor das melhores técnicas estrangeiras, dava aos seus cursos a feição de verdadeira tecnologia comparada, sem descurar, contudo, a crítica judiciosa e o exame das vantagens ou inconvenientes da adaptação dos métodos versados às condições particulares do território nacional.

Pode-se dizer com toda a verdade que Mello Geraldês, consciente da sua missão, foi sempre um professor devotado ao estudo, ávido de ter em dia as novidades da sua especialidade, para as aproveitar nos trabalhos a emprender, as transmitir aos alunos ou ser útil a quem recorria ao seu saber.

Quadrava-lhe com exactidão a frase modelar de Emilio Faguet: «J'apprends chaque jour pour enseigner le lendemain».

Mais tarde, como seu assistente e através de numerosas e demoradas conversas sobre os vários problemas da agricultura africana, pude apreciar, a par de vasta erudição, o inextinguível entusiasmo pelas nossas províncias ultramarinas, isto numa época — convém acentuar —

em que poucos falavam delas, raros as conheciam e menos ainda eram aqueles que as amavam.

Estava-se então na fase dura da ocupação lenta e silenciosa, da luta ingrata pelo conhecimento da terra, em que as melhores energias se quebravam contra a inclemência dum clima sem defesa, a falta de comodidades e de meios de acção.

É que o Prof. Mello Geraldês teve muito novo, desde os primeiros tempos da sua actividade agrónomica nas terras lusitanas de África. A clara percepção do potencial de riquezas que nelas se armazenavam, das francas possibilidades da sua recuperação e da importância que representavam no equilíbrio da economia metropolitana.

E desde logo prometeu consagrar a vida ao estudo da valorização agrícola do Ultramar Português. Prometeu com fé e cumpriu de forma exemplar.

Era uma espécie de iluminado. Trazia consigo um ideal e obedeceu-lhe. E dessa aspiração nasceu a norma da actividade que daria satisfação ao anseio do seu espírito e do seu sentimento.

É bem certo, como escreveu Camilo em «Os Mártires», que por graça do destino que lhes foi talhado, uns tudo vêem no ideal, outros tudo buscam na matéria!

Terminado o curso de agrónomo, em 1902, iniciou o seu trabalho profissional no distrito de Benguela e ali realizou várias missões de estudo e reconhecimento, em especial nas áreas dos Postos de Catumbela e do Dombe Grande e na zona da Hanha do Lobito, no decorrer das quais, além de prestimosa assistência técnica dispensada aos agricultores, dedicou particular atenção às espécies produtoras de borracha, à cultura do algodão e, de um modo geral, ao fomento daquela importante região agrícola angolana.

Regressado de África, ingressa, em 1906, como lente catedrático da Cadeira de Tecnologia e Zootécnia Coloniais, no corpo docente do antigo Instituto de Agronomia e Veterinária, mediante concurso de provas públicas.

Pouco tempo depois, ao ser organizado o Ensino Agrícola Colonial pelo então Ministro da Marinha e do Ultramar, Dr. Manuel António Moreira Júnior, transita para a nova especialidade, aquela que mais o seduzia e interessava como técnico iniciado em África. E assim foi desde logo encarregado da regência da Cadeira de Tecnologia Agrícola e Florestal Colonial, e, mais tarde, do curso complementar de Química

e Tecnologia Açucareira e dos Óleos Coloniais, criado por sua iniciativa, no ano lectivo de 1922-23.

Mello Geraldês foi um dos primeiros — senão o primeiro — a reconhecer a necessidade de conjugar as actividades docentes com a investigação, seguro e crente de que também a missão do professor é indagar.

Tinha receio de que a melhor estrutura agrária dos territórios ultramarinos estrangeiros pudesse vir a embaraçar a ambicionada e necessária expansão dos nossos produtos tropicais nos mercados externos.

Num tempo em que escasseavam os recursos e os instrumentos de trabalho, não era na investigação pura que pensava. Interessava-lhe, sim, o lado utilitário de uma investigação, que alicerçada em boas bases científicas, fosse capaz de trazer para os produtos da nossa agricultura ultramarina melhoria de qualidade e de preço, e assim, condições favoráveis de concorrência.

Para esse efeito, criou no Instituto Superior de Agronomia, anexo e dependente da Cadeira de que era titular, o Laboratório de Tecnologia Agrícola Colonial, onde levou a cabo, com o auxílio de vários colaboradores, uma série de importantes trabalhos acerca das características agrícolas, comerciais e industriais do algodão, sisal, açúcar, café, cacau, rícino, purgueira, amendoim, copra, dos óleos de palma e de palmiste, dos produtos taninosos e outros.

Tornou-se deste modo possível dar a conhecer, aquém e além fronteiras, o real valor das principais mercadorias de interesse económico para o Ultramar, pois os resultados de muitos desses estudos foram por ele levados a congressos nacionais e internacionais de agricultura tropical.

A tais estudos associou sempre os seus alunos, despertando-lhes iniciativas, orientando-os e inculcando-lhes o gosto pelos problemas do Ultramar. Muitos dos relatórios finais do curso de engenheiro-agrônomo desse tempo saíram da sua secção e versaram temas de relevo para o esclarecimento de alguns aspectos da vida agrária da nossa África. Graças a ele, agrónomos de várias gerações ficaram ligados a essas terras pelo trabalho, pelo espírito e pelo coração.

Coube-lhe também a honra de ter sido o fundador do Museu Agrícola Colonial de Lisboa e com esta iniciativa, a bem dizer complementar daquela outra, não foi menor a influência que o novo organismo veio a desempenhar na divulgação e propaganda das províncias ultramarinas.

Não só criou tão útil e prestante estabelecimento, como hàbilmente o dirigiu, lhe deu vitalidade e calor, tornando-o uma realidade na vida cultural da Comunidade Portuguesa.

Ao seu zelo e persistência se deve ter sido possível reunir, pela primeira vez, na Metrópole, uma preciosa, variada e completa colecção de produtos relacionados com a agricultura nativa e europeia; mapas, fotografias, gráficos estatísticos; peças e utensílios da agro-indústria e do artesanato indígenas e bastantes curiosidades etnográficas dos vários territórios portugueses de além-mar.

Todo esse repositório de riquezas e de artefactos, alguns raros e de valor, soube o Prof. Mello Geraldês dispor e ordenar com critério e arte, acompanhando cada coisa de sucintas notas elucidativas para o grande público e para os estudiosos, num conjunto vivo, rico, atraente e instrutivo.

Com a larga visão de que deu sobejas provas, tornou o Museu numa instituição de índole científica, dotando-o de valiosa biblioteca, oficina tecnológica e estabelecendo o bom princípio da estreita colaboração com o Instituto Superior de Agronomia.

A rica colecção do Museu foi posta ao serviço do ensino e todas as facilidades de informação e de aquisição de material didáctico permitiram ao Instituto reunir valiosa documentação e uma opulenta variedade de produtos genuínos das nossas províncias tropicais e, quando a valia económica ou o interesse escolar se impunham, também de países estrangeiros.

Pessoal técnico, livros científicos, máquinas, aparelhos e utensílios foram igualmente postos à disposição do Laboratório de Tecnologia da Escola a que se encontrava ligado, de modo a tornar mais fácil, eficiente e viável a realização dos trabalhos de investigação que ambicionava levar a efeito e efectivamente concluiu a bem do Ultramar Português.

Pois esta profícua dependência pedagógica em que se encontrava perante o Instituto o Museu Colonial, devido a um desagradável mal-entendido, acabou praticamente por se perder, com manifesto prejuízo para ambos. Quantas vezes se alvejam as pessoas, mas afinal só verdadeiramente se atingem as instituições!

Vale a pena transcrever alguns trechos de um honroso documento firmado pelo eminente e saudoso Prof. Manuel de Sousa da Câmara, ao tempo director do Instituto Superior de Agronomia, para melhor se avaliar e compreender a obra efectuada por Mello Geraldês tanto naquela Escola como no Museu.

«As suas instalações pedagógicas neste Instituto e no Museu Colonial de Belém, cuja direcção (o Prof. Mello Geraldês) com tanto sacrificio tem mantido, são verdadeiros monumentos, pela abundância de material, pela catalogação, pela lição muda que elas encerram. Ninguém teria feito melhor, ninguém, talvez até, tivesse feito tanto. É preciso que se saiba que algumas das colecções arquivadas na secção colonial deste Instituto que tenho a honra de dirigir, e em Belém, são as melhores e mais completas do mundo e que (o Prof. Mello Geraldês) as trouxe para o seu país, em grande parte das nações estrangeiras, que tem visitado em missão official, tomando parte em congressos e em reuniões várias, quantas vezes à sua própria custa.

Tenho a certeza que é no estrangeiro, onde (o Prof. Mello Geraldês) conta os seus mais numerosos e entusiásticos admiradores, que mais e melhor o conhecem. É velha pecha desta terra. Muitas vezes os nomes dos portugueses vem-nos lá de fora.»

O Prof. Sousa da Câmara tinha, de facto, razão: Mello Geraldês sempre foi, como especialista de assuntos ultramarinos, mais conhecido no estrangeiro do que em Portugal, onde na verdade desfrutava de prestígio e amizades.

A par dos empreendimentos que se enunciaram, outros problemas relacionados com as actividades agrícolas do Ultramar preocuparam o seu espirito de estudioso. Entre a meia centena de trabalhos que constitui a sua bibliografia, incluem-se alguns ensaios e opúsculos em que aborda o melhoramento das culturas indígenas, a questão da mão-de-obra, a crise de S. Tomé e Príncipe, o fomento florestal, o ensino agrícola e agronómico, a protecção à natureza e à flora, etc.

Da vasta série de estudos que dedicou às produções agrícolas tropicais, é curioso observar que prestou particular carinho e atenção à borracha, esse produto rico mas paradoxalmente pobre no nosso Ultramar; ao algodão, hoje o género mais valioso de Moçambique; ao café, agora a maior riqueza de Angola; e às oleaginosas, esteios da economia de todas as parcelas portuguesas da plaga africana.

Em 1930, foi o Prof. Mello Geraldês convidado pelo Conselho de Administração da Companhia Geral de Algodões de Angola para o cargo de administrador-delegado, que exerceu durante mais de 23 anos, até que, por motivos de saúde, se viu impossibilitado de prosseguir no exercicio das suas funções.

No dizer da própria Companhia, durante esse longo espaço de tempo consagrou grande parte da sua actividade ao desenvolvimento daquela empresa, que lhe ficou a dever relevantes serviços pela ma-

neira prudente e hábil como soube conduzir os negócios, em períodos por vezes difíceis, para os quais encontrou soluções adequadas, cuja eficiência o desenrolar dos tempos confirmou.

Além de várias missões de estudo no estrangeiro, umas oficiais e outras particulares, o Prof. Mello Geraldês foi encarregado pelo Ministério das Colónias, em 1910 e 1925, de visitar e estudar a organização das Escolas de Agronomia e Museus Coloniais e os métodos de trabalho adoptados nos Laboratórios adstritos ao estudo dos produtos tropicais de origem vegetal, em França, Alemanha, Bélgica, Holanda e Inglaterra.

Desempenhou também numerosas comissões de serviço no País, pois foi:

Vogal da Comissão incumbida de elaborar os relatórios sobre a produção de borracha nas Colónias Portuguesas, para o Congresso de Agronomia Colonial de Bruxelas;

Secretário-Geral da Comissão de Relatórios para o 3.<sup>o</sup> Congresso Internacional de Agronomia Colonial de Londres;

Vogal do Conselho Superior Técnico de Agricultura das Colónias;  
Chefe dos Serviços Agronómicos do Ministério das Colónias;

Vogal da Comissão incumbida de propor os meios de fomentar a produção de géneros pobres das Colónias e sua exportação para a Metrópole.

Representou o País, com elevação e brilho, nos seguintes congressos:

Congresso Internacional de Agronomia Colonial, de Bruxelas (1910);

Congresso Internacional de Agronomia, de Londres (1914);

Conferência Internacional da Borracha, de Londres (1914);

Congresso Internacional de Agricultura Tropical, de Londres (1921);

Congresso Internacional de Agricultura Tropical, de Paris (1927);

Congresso Internacional de Agricultura Tropical, de Lisboa (1929);

Congresso Internacional do Café, de Sevilha (1929);

Congresso Internacional de Agricultura Tropical, de Antuérpia (1930);

- Congresso de Agricultura Tropical, de Paris (1931);
- Congresso Internacional de Ensino Técnico nas Colónias, de Paris (1931);
- Congresso Internacional das Oleaginosas (1931);
- Reunião da Comissão de Agricultura Tropical do Instituto Internacional de Agricultura de Roma (1932);
- Conferência Internacional para a protecção da fauna e da flora africanas (1933);
- Congresso Internacional das Indústrias Agrícolas (1934);
- Congresso Internacional de Agricultura Tropical, de Tripoli, (1939);
- Congresso de Agricultura Tropical, do Porto (1939).

Foi sócio correspondente da Academia das Ciências de Lisboa; varias vezes vice-presidente da «Association Scientifique Internationale d'Agriculture des Pays Chauds» e membro efectivo do «Institut Colonial et International de Bruxelles», havendo ainda pertencido ao «Institut Colonial de Marseille», à «Association des Chimistes de Sucrerie et Distillerie de Paris», à Sociedade de Geografia de Lisboa, à Sociedade Portuguesa de Química e Física e à Sociedade de Ciências Agronómicas de Portugal.

Os seus serviços e a sua dedicação ao Ultramar foram por mais de uma vez reconhecidos e premiados: recebeu públicos louvores e mercês honoríficas. O Grande Oficialato da Ordem de Santiago da Espada e a Comenda da Ordem da Coroa da Bélgica constituem merecida consagração para quem como o Prof. Mello Geraldês tão devotadamente contribuiu para o progresso económico e o conhecimento científico das regiões tropicais.

Os últimos anos da sua vida não foram felizes.

Perdeu em condições dolorosas a esposa querida, que desveladamente o acompanhou e intensamente viveu todos os seus labores e preocupações profissionais; uma série de graves doenças minaram a sua desde sempre precária saúde, trazendo-lhe um longo período de tristes provações; e, já no fim da carreira, da falta do respeito devido à sua obra, ao seu nome e à sua idade, alguns pungentes desgostos sofreu por não ter sido compreendido ou apreciado com a merecida justiça.

Mas, como disse Herculano, o que seria da vida se não fossem as lágrimas?

Nascido com ânimo de lutador e têmpera de antes quebrar que torcer, a sua existência foi, desde a juventude, modelo de trabalho, de firmeza e sobretudo de vontade. Seguiu o apelo do seu instinto e da sua inteligência, sem pausa nem fadiga, sempre com a mesma convicção e esperança, para levar a termo uma verdadeira cruzada.

Era aquela esperança dos homens que na síntese expressiva de André Malraux, é a sua razão de viver e de morrer!

A marcha da profissão, que para tantos se converte em rotineira e monótona, soube-a Mello Geraldes enriquecer e animar pela virtude do estudo, ao mesmo tempo que a embelezava com o ardor e a poesia da sua constante paixão.

Nutrido de saber, experiência e autoridade, foi bem a prova do que vale, do que pode e do que representa a voca o ao serviço duma causa.

Quem o conheceu na intimidade — destaque este aspecto com legítima ternura — sabe que Mello Geraldes, amigo verdadeiro do seu verdadeiro amigo, guardava um cora o puro e uma alma boa. A sua obra é a mais significativa relíquia de si próprio, o comentário vivo e sensível dos seus pensamentos e ac oes.

Quantas vezes, nas horas tristes que viveu, pensando na sua bondade, me veio   memória aquela límpida lenda de Racine: «Le jour n'est pas plus pur que le fond de mon coeur».

Recorro de novo a uma opinião alheia, para afastar a minha possível parcialidade; cito mais uma vez o parecer do Prof. Manuel de Sousa da Câmara, que a propósito da personalidade de Mello Geraldes lhe dedicou estas palavras, que pela nobreza que encerram s  costumam sair da pena dos grandes de espírito: «...protótipo perfeito da honra e do cavalheirismo, dotado de tão raras e preclaras virtudes e merecimentos que pode ser apontado como espelho e exemplo dos seus concidadãos».

Pasteur, símbolo da bondade e da vontade enérgica no trabalho, deixou escrito este belo pensamento: «Embora os esforços sejam, mais ou menos, favorecidos pela vida,   necessário ao aproximarmos do grande fim, podermos dizer: fiz o que pude».

Pois bem, no termo da sua viagem terrena, o Prof. Mello Geraldes poderia ter dito, com plena razão, essa frase que nem a todos é dado pronunciar: fiz o que pude!

E nestas quatro palavras talvez esteja a súmula singela da sua vida!

